

## TIRAS DA “TURMA DO XAXADO”: DA INDÚSTRIA CULTURAL AO LEITOR DESVIANTE

Elizia de Souza Alcântara<sup>1</sup>

Resumo: Este artigo tem como finalidade refletir sobre as novas formações discursivas presentes na contemporaneidade, bem como sobre as suas relações com o modo de produção capitalista. O suporte teórico-metodológico se fundamenta na seleção de três tiras do quadrinista baiano Antonio Cedraz, além de alguns textos estudados nos encontros da disciplina optativa Literatura, Cultura e Modos de Produção visando, com isso, problematizar o lócus de enunciação dos quadrinhos na lógica do signo capital. Assim, espera-se ampliar o debate em torno da relação entre linguagem, cultura e poder, na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Tiras em quadrinhos. Cultura. Capitalismo. Leitura

## STRIPS FROM THE “XAXADO GROUP”: FROM CULTURAL INDUSTRY UP TO THE DEVIANT READER

Abstract: This article aims at reflecting on the new discursive formations, present in contemporary times, as well as its relations with the capitalist mode of production. The theoretical-methodological support is based on the selection of three comic strips by Bahia’s artist, Antonio Cedraz, plus some texts studied during the lectures presented at the elective course, called “Literature, Culture and Modes of Production”. So, the aim was to question the enunciation *locus* of comics in the logic of the capital sign. Thus, it is expected one could broaden the debate on the relationship between language, culture and power, in contemporary society

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Mestrado em Crítica Cultural, UNEB, Campus II, Alagoinhas. Linha 1 — Margens da Literatura. E-mail: alcantara.elizia@ig.com.br.

Keywords: Comic strips. Culture. Capitalism. Reading.

## Introdução



Fonte: Editora e Estúdio Cedraz, 2008, p. 10 v.1

Para quem deseja investigar como se configura a noção de textualidade na dinâmica contemporânea, nada mais interessante do que trazer — como epígrafe — uma tira em quadrinhos. Ao invés de um verso de poema ou citação célebre de um autor, elege-se uma narrativa quadrinizada para introduzir um texto que tem, como finalidade, problematizar a relação *entre linguagem, cultura e os modos de produção capitalista*.

Para tanto, é imprescindível destacar a valiosa contribuição dos Estudos Culturais, no século XX, para o estudo da discursividade e da textualidade. É por este viés que podemos refletir sobre a noção de texto — como suporte — para se refletir sobre a cultura na sociedade contemporânea. Sendo assim, o texto é legitimado como “fonte de significado”, em que questões de ordem política, histórica, social são colocadas sob tensão objetivando, com isso, engendrar novas alternativas de ação para discutir as relações de força, impregnadas no processo saber-poder que marcam o cotidiano do indivíduo em sociedade. Cabe, no momento, uma pergun-

ta: em que medida as tiras em quadrinhos podem ser consideradas “textos de cultura”?

Neste artigo, pretende-se abrir um espaço de reflexão em torno de como se configura o texto-imagem no cenário contemporâneo, bem como investigar de que forma os quadrinhos podem agenciar um modo de leitura politizada. Assim, o aporte teórico se articulará com base em alguns textos, analisados durante os encontros da disciplina “Literatura, Cultura e Modos de Produção”, além do *corpus* de análise, a partir da seleção de três tiras em quadrinhos do quadrinista baiano Antonio Cedraz.

### **Tiras em quadrinhos: do homem mercadoria para a participação ativa**

Texto e cultura: Foi essa intersecção que marcou a virada linguística e cultural, engendrada pelos “Estudos Culturais” redefinindo, dessa forma, os rumos do estudo da linguagem no cenário contemporâneo. As questões culturais passam a ser analisadas a partir do texto como prática discursiva que tensiona as relações entre língua, cultura e relações de força. Nesse sentido, considerando também a abertura de fronteiras entre os múltiplos gêneros discursivos, tanto a literatura como as novas ordens textuais são locais de enunciação, à medida que produzem sentidos nos espaços sociais, políticos e históricos.

Com isso, desestabiliza-se a concepção do “signo” como algo fixo e arbitrariamente fabricado. Partindo desse ponto, o texto adquire um caráter analítico, pois questiona a representação do real, desnaturaliza as relações de força, a normatividade dos conceitos, as ideias mais reducionistas, ligadas à produção do conhecimento pelo sujeito contemporâneo. Sendo assim, o homem ressignifica a recepção dos acontecimentos e, por sua vez, reposiciona o seu lugar no mundo quando produz novas formas de viver, de criar, de

reagir, de estabelecer novas táticas de atuar em sociedade. Pretende-se visibilizar o texto como discurso, dotado de signos relativizantes, uma produção social, uma “metáfora de transformação”. Para Stuart Hall:

As metáforas de transformação deveriam fazer pelos menos duas coisas. Elas nos permitem imaginar o que aconteceria se os valores culturais predominantes fossem questionados e transformados, se as velhas hierarquias sociais fossem derrubadas, se os velhos padrões e normas desaparecessem ou fossem consumidas em “festival de revolução”, e novos significados e valores, novas configurações socioculturais, começassem a surgir. Contudo, tais metáforas devem possuir um valor analítico. Devem fornecer meios de pensarmos as relações entre os domínios social e simbólico nesse processo de transformação (HALL, 2003, p. 205-206).

Nesta ótica, pesquisar as tiras em quadrinhos — como gênero discursivo — é mais um processo de abertura para se analisar outras formações discursivas, além dos cânones literários. Para isso, rompe-se com a intenção de formular um juízo de valor, ao classificar e separar, se o texto é literário ou não literário, “maior” ou “menor” na sua potência artístico-literária.

Por muito tempo, a linguagem dos quadrinhos foi considerada inferior e/ou marginal quando comparada às “grandes obras”, legitimadas pela tradição literária. Não se quer dicotomizar texto de alta excelência literária ou texto sem excelência literária: em contrapartida, busca-se instaurar o estudo de outros textos invisibilizados, durante muito tempo, devido aos parâmetros “normatizados” pelos cânones literários. Vejamos o que nos alerta Culler sobre a relação da literatura e outras modalidades textuais:

A suspensão da exigência de inteligibilidade, a disposição de trabalhar nas fronteiras do sentido, abrindo-

nos para efeitos produtivos, inesperados da linguagem e da imaginação e o interesse pela maneira como o sentido e o prazer são produzidos — essas disposições são particularmente valiosas, não somente para ler literatura, mas também para considerar outros fenômenos culturais, embora seja o estudo literário que torne essas práticas de leitura disponíveis (CULLER, 1999, p. 37).

É importante notar que a produção do sentido e do prazer não se restringe apenas ao fazer literário. A literatura o faz com potencialidade e mantém interfaces com outros saberes, no entanto, outras práticas discursivas também operam com essa produção. Com isso, assegura-se a circulação de múltiplos textos — como prática de significação — além de mobilizar novas perspectivas de análise crítica reflexiva, no que diz respeito às conexões entre o texto e as suas afiliações, no campo do estético-político-cultural.

Nisso está implicada a forma como são produzidos os objetos culturais, seja a televisão, o cinema, o rádio ou revista e de que maneira eles são usados pelos indivíduos. Para isso, é importante problematizar como se caracteriza a cultura diante de uma práxis social sujeitada à economia e ao mundo do mercado e da publicidade.

Sendo assim, a produção e o consumo das narrativas quadrinizadas não escapam ao poder da indústria cultural. É por este viés que o texto-imagem dos quadrinhos é vendido como uma mercadoria que satisfaz as necessidades dos leitores. Cabe, agora, perguntar: lêem-se tiras em quadrinhos para quê? Apenas para diversão, lazer e entretenimento? Os interesses dos leitores são iguais? Ou cada leitor constrói uma tática de leitura? As perguntas em questão nos remetem ao fato de não limitarmos o ato de ler apenas ao que é dito como significação única, óbvia, “natural” (aquela que está à nossa frente), mas, sim, identificar as contradições, causar estranhamentos, relativizar as produções de sentido, trazer o

não-dito para a reflexão: enfim, propor uma leitura rebelde, dinâmica, capaz de desviar-se das catalogações impostas pela indústria cultural.

É, portanto, nesse contexto de inter-relações entre linguagem, cultura e domínio capitalista que as tiras em quadrinhos entram em cena.

Na Bahia, os quadrinhos têm uma força bastante expressiva por meio das produções do artista Antonio Cedraz, nascido em Miguel Calmon, distrito de Jacobina, cidade onde foi criado. Iniciou os seus trabalhos com desenhos e histórias em quadrinhos com 16 anos e, atualmente, é considerado o Mestre do Quadrinho Nacional pela Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo. “É, muito provavelmente, o mais importante e premiado quadrinista da região nordeste”: afirmação de Chico Castro Júnior, jornalista da Revista *Mundo/A Tarde*, na reportagem “A volta do Xaxado” (2013, p. 42).

Ao longo da sua trajetória profissional, criou diversos personagens reunidos nas histórias em quadrinhos da Turma do Xaxado. No universo gráfico de Cedraz, há também a produção das tiras do Xaxado criada em 1998 e lançada a primeira coletânea em 1999, na Bienal do livro da Bahia, apresentando como personagem principal o “Xaxado”, neto de cangaceiro, com perfil alegre, justiceiro e atento ao sofrimento do povo nordestino. Segundo o próprio Cedraz, o seu trabalho “é um quadrinho tipicamente brasileiro. Um dos poucos, acredita”.

Comecemos, então, o encontro com a segunda tira da Turma do Xaxado.



Fonte: Editora e Estúdio Cedraz, 2008, p. v. 1

A título de esclarecimento, a tira em análise faz referência a um dos amigos do personagem Xaxado, o Arturzinho. Filho de um abastado fazendeiro, defende que o dinheiro é o mais importante na vida de uma pessoa. Sente-se o “dono do mundo”. Por isso, mostra-se avarento, egoísta e extremamente ostentador. Não perde a chance de explorar e humilhar os peões que manejam as cabeças de gado da fazenda.

No contexto da tira, verificamos que nela são travadas relações de força que controlam a dimensão social. O modelo de sistema capitalista fabrica as relações humanas na sociedade, ora serializando-o, ora condicionando-o a viver de acordo com os parâmetros do capital, do lucro. Uma das consequências mais significativas do modo de produção capitalista é a concepção de que é “natural” existir divisão de classes, de pessoas, etc. Nesse processo violento de “naturalização dos fatos sociais”, a subjetividade humana também é sucumbida, considerando que o sujeito social é adestrado a não reagir. Perpetua-se, dessa forma, o lado passivo e subserviente do ser humano frente às mazelas de um espaço social construído em bases sólidas de exclusão, injustiça social e desrespeito aos direitos humanos.

Remetendo-nos à sequência narrativa dos quadrinhos, apreendemos que as diferenças e desigualdades sociais constituem a base das práticas discriminatórias em nosso país. De

um lado, temos o grupo dos fazendeiros, detentores de poder, de terras e de “pessoas”. Do outro, os peões que a muito custo tentam “sobreviver” em meio às péssimas e injustas condições de trabalho. Mercantilizam-se terras, gados e o próprio homem. Os peões tornam-se suporte de valor para os ricos fazendeiros. Gados e homens são marcados como se pertencessem à mesma categoria. São, pois, “mercadorias” que trazem na pele a marca tatuada do seu dono, do seu patrão. De fato, o mercado do poder “coisifica” o homem, a vida.

No que se refere aos direitos trabalhistas, ainda são poucos, ou quase inexistentes, os locais de trabalho que valorizem a vida do peão, embora o Plenário do Senado já tenha aprovado o Projeto de Lei da Câmara (PCL) 83/2011 que assegura o direito à carteira de trabalho assinada, seguro de vida e de acidentes, salário mínimo, equipamentos de proteção individual, reconhecendo e regulamentando a profissão de *vaqueiro*. Espera-se ainda que o projeto seja sancionado pela presidenta do nosso país. Até lá, o peão continuará trabalhando, recebendo bem menos do que necessita, além de serem descontados gastos com alimentação e habitação, etc. no seu mísero pagamento. Diz Guattari sobre como se dá a relação entre a vida humana e a ordem do capital:

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro — em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é a ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria ideia de vida social organizada (GUATTARI, 2000, p. 42).



Entender os efeitos e consequências da fabricação do indivíduo pela ordem capitalística instiga-nos a refletir sobre como o sujeito contemporâneo pode romper com a automação imposta pelos aparatos culturais e quais as alternativas possíveis para reinventar a sua subjetividade, afirmando os seus desejos, vontades e perspectivas de uma vida melhor, mais justa e igualitária. Ainda que o capitalismo tardio modele a subjetividade humana, utilize a indústria cultural, o Estado e o mercado da publicidade para homogeneizarem condutas e valores, cabe, sim, engendrar um movimento de resistência capaz de empoderar aqueles que tiveram suas vidas excluídas e dominadas pela ideologia capitalista. Mas o que significa ter empoderamento na vida social? Como redefinir o modo de produção da subjetividade diante de um capitalismo que padroniza desejos e bloqueia os processos de singularização dos indivíduos?

Quando pensamos no “empoderamento” dos grupos minoritários, não nos referimos ao “poder” atribuído às autoridades, nem às estratégias do Estado-Nação para manter o controle social. “Empoderar-se” é participar de forma política e cidadã dos movimentos sociais, é fazer valer os nossos interesses, é fortalecer as nossas identificações. Para tanto, é de extrema relevância conhecer e tomarmos parte das ações realizadas pelos mecanismos institucionais. Não queremos ser representados por um Estado que nos impede de decidir sobre a vida, os rumos da Educação, Saúde e Segurança e da gestão dos recursos econômicos. Se votamos no processo eleitoral, devemos também avaliar e responsabilizar o poder público pela omissão diante das causas sociais. Vale salientar que construir uma cidadania ativa não significa apenas votar num candidato, mas exige de nós participação — institucionalizada ou movimentalista — visando atingir interesses gerais e coletivos. Elenaldo Celso Teixeira assim se manifesta:

A existência de uma sociedade civil organizada e autônoma em relação ao Estado e ao mercado constitui

elemento importante para efetivação da participação política. Isto requer a constituição de espaços públicos autônomos em que as diversas organizações sociais e os indivíduos possam exercer os direitos de informação, de opinião e possam articular-se numa ação coletiva que questione as decisões políticas do Estado e, ao mesmo tempo, possa oferecer fundamentos e alternativas para novas decisões e um processo de *accountability* avaliar os métodos e resultados (TEIXEIRA, 1997, p. 190).

Portanto, é necessário pensar a semiologia do “signo” — palavra e imagem — como mecanismo “ético de significar”. “Significar” perpassa por uma atuação política ativa, em que a soberania do Estado-Nação seja questionada. Quem elabora as leis? Com quais interesses? Para atender a quem? Tais perguntas nos remetem ao discurso da elite intelectual e governamental do país que nega aos grupos minoritários o direito de ter a sua dignidade e qualidade de vida garantida. Este é o desafio: tensionar os saberes instituídos arbitrariamente.

## Por que ler tiras em quadrinhos?

A concepção de que as histórias em quadrinhos servem apenas para a diversão e entretenimento foi forjada pela indústria cultural. Com efeito, as narrativas quadrinizadas como produção de massa adquirem o rótulo de “linguagem para divertir”. É um passatempo. Enfim, o leitor é persuadido a comprar diversão. Mas até que ponto a linguagem dos quadrinhos só proporciona diversão?

Vejamos o que nos diz a seguinte tirinha:



Fonte: Editora e Estúdio Cedraz, 2008

Na contemporaneidade, as novas ordens textuais se configuram como dispositivos, providos do que é dito e do não-dito, numa rede de saber-poder presente na conjuntura social. Dessa forma, é importante problematizar como se caracteriza o processo de leitura, considerando que o signifi-cante apresenta uma multiplicidade de sentidos e histórias e como o leitor se relaciona com a narrativa dos quadrinhos.

Na seqüência da narrativa quadrinizada em análise, podemos nos remeter a dois tipos de leitor: aquele que decodifica a mensagem a partir dos traços engraçados e divertidos da história. Dessa maneira, não apreende a produção de sentido da imagem do “boi dormindo” e da sua relação com a expressão popular “conversa para boi dormir”. Nesse caso, ler é rir. E rir é esquecer os conflitos sociais, é não pensar. É a leitura para “adormecer” leitores. O outro leitor se apropriará de uma leitura crítica. E desta perspectiva, o ato de ler passa a ter um significado diferente. Ler também é uma ação política e se configura como espaço para questionar as representações sociais, além das relações de força, imbricadas na estrutura de uma sociedade contemporânea excludente e desigual. Aqui, ler é resistir. Problematisa-se sobre a vida. Assim, a construção dos significados assume um caráter relacional e contextual. As formas simbólicas presentes no texto quadrinado sempre dizem algo, mas não podem ter o seu “sentido” fixado definitivamente. Ao contrário, devem ser desestabilizadas no processo de codificação da mensagem.

Ao pensar sobre o papel desse leitor politizado na vida social, nos defrontamos com as estratégias da indústria cultural para aprisionar aquele que ousa reagir à classificação de uso do texto como mera mercadoria. E o que pode fazer o leitor para desviar-se do que é dito arbitrariamente pela mercantilização cultural?

O desafio é desviar-se. Para isso, o leitor constrói a sua tática. Diz como, e para, quê ler. Desta nova tomada de posição, engendra-se uma nova prática de leitura: a heterológica.

Nessa perspectiva, a leitura heterológica deseja instituir o heterogêneo. Convida o leitor a potencializar uma leitura diferente, aquela que não acomoda o sujeito diante das interdições arraigadas nas situações de produção do conhecimento, ora alienando, ora serializando os comportamentos humanos. No contexto de ressignificação do ato de leitura, ler é reagir. É resistir. É produção de sentido mobilizando ações micropolíticas para que a singularidade de cada indivíduo possa ser reconhecida. Instaure-se assim, a leitura que “acorda” o leitor e o faz afirmar a vida.

Nesse processo de afirmação da vida, o leitor é visto como diferente pelas estratégias de poder do Estado, da indústria cultural e da publicidade. Quanto mais “domesticá-lo”, melhor para as vendas e o lucro. Não se quer um leitor, ativista cultural, manifestante ou “rebelde sem causa”, promovendo transformações sociais sejam elas no plano individual ou coletivo. Ao mesmo tempo, em convívio com os modos operantes do capital, o leitor busca “linhas de fuga” para problematizar sobre a vida. Seja o leitor consumidor, trabalhador, operário, militante, “intelectual da academia”, manifestante, etc. cada um se constitui de identificações que trazem seu modo de vida, sua posição diante do mundo.

Compartilhando do desejo de afirmar a vida, o quadrista Antonio Cedraz, popularmente chamado de “Xaxado” porque entusiasticamente declara “eu sou o Xaxado” é um

exemplo de superação, persistência e coragem. Nos papéis de autor e leitor, ele mantém vivo o projeto de retomar a produção da Turma do Xaxado com tirinhas inéditas e com a vontade de transformá-las numa série de animações para a TV. Chico Castro, na revista *Mundo* do grupo *A Tarde* revela:

Aos 68 anos, o cartunista baiano Antonio Cedraz está começado tudo de novo. E felicíssimo por isso. Sertanejo forte danado passou os últimos cinco anos travando uma luta feroz contra um câncer que começou no reto, passou para o intestino e chegou ao fígado. Mas, depois de longo tratamento, que incluiu radioterapia e um par de cirurgias, garante, está livre (2013, p. 36).

O próprio Cedraz nos diz que “agora é só acompanhar direitinho, periodicamente. Uma doença dessas é uma prova e tanto. Minha vida sempre foi de luta e sonho. E, nesse período, descobri tanta coisa boa na minha vida”.

Ainda que a doença tenha se instalado, o nosso Cedraz se atreveu a manter firme a sua “revolução molecular” através do seu trabalho com os quadrinhos.

Por fim, sentir-se sujeito passivo ou desviante expressa se queremos uma pseudo-vida, marcada pela barbárie da indústria cultural ou uma vida verdadeira, melhor, possível, potente.

### **Considerações finais**

Estudar o discurso dos quadrinhos no âmbito dos Estudos Culturais e mais especificamente na linha de trabalho do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural requer do pesquisador, como sujeito do conhecimento, a elaboração de um novo processo de investigação, em que as noções “prontas” e “naturalizadas” da linguagem e da cultura sejam res-

significadas. Eis o primeiro passo para quem deseja se tornar um crítico cultural.

A reflexão — iniciada neste artigo — abre um debate em torno de como se configura a produção e consumo das tiras em quadrinhos na vida contemporânea, assim como, de que forma os leitores dessa prática discursiva mobilizam o saber-poder, visibilizado nas narrativas quadrinizadas. Espere-se, portanto, que as análises realizadas sirvam de instrumento para identificarmos as estratégias da mercantilização da cultura e propormos “táticas” de combate ao processo de homogeneização que marca as relações sociais.

## Referências

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções, 1999.

GUATARRI, Félix e ROLI, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Gaurdia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

REVISTA MUITO. Salvador: *A tarde*, n. 292, nov. 2013.

REVISTA TURMA DO XAXADO. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2008, v. 1

REVISTA TURMA DO XAXADO. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003, v. 3

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. Democracia, cidadania e pobreza: a produção de novas solidariedades. *Caderno CRH*, n. 1 (1987). Salvador: Centro de Recursos Humanos/UFBA, 1997.